

A REFEIÇÃO COMO ATO SOCIAL: OS DESAFIOS DE UMA ALIMENTAÇÃO ALTERNATIVA.

LARISSA OSTERBERG DA CRUZ¹; FRANCISCO LUIZ PEREIRA DA SILVA NETO²; LOUISE PRADO ALFONSO³

¹Universidade Federal de Pelotas – UFPel – larissa.cruzosterberg@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – UFPel – francisco.fneto@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – UFPel – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se iniciou na disciplina de Metodologia de Pesquisa Qualitativa do Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, ministrada pelo professor Francisco Luiz Pereira da Silva Neto. Seu foco principal foi na exclusão de indivíduos vegetarianos em meio a seus grupos sociais. Com o fim da disciplina, a proposta se tornou mais ampla, tendo como temática a relevância da alimentação para as relações humanas.

O presente trabalho visa analisar a alimentação como um ato social, compreendendo que a ação necessária, e quase que automática de comer, pode resultar em exclusões sociais dependendo da escolha do indivíduo, mostrando a importância da comida para nosso dia-a-dia, não somente para nosso corpo físico, como também para o social e cultural (MACIEL, 2005).

Como objetivo específico, são usadas comparações de confrontos sociais com pessoas que comem ou não carne, e quais possíveis consequências de não participar de algo cultural tão importante, como o churrasco, por exemplo. Apresentando como grande referência DAMATTA (1986, 56) que diz: “comida não é apenas uma substância alimentar mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que ingere.”.

Assim, minhas principais referências para este texto são: a dissertação de Anderson Ricardo Rodrigues (2012) cujo título é “A construção da identidade social por meio do consumo vegetariano: um estudo netnográfico” e alguns textos do Roberto DaMatta (1986) como: “Sobre o simbolismo da comida no Brasil”.

2. METODOLOGIA

Como método de pesquisa, uso a Netnografia, que é, em poucas palavras, uma ramificação da etnografia baseada em compreender o público virtual. Sobre o método da etnografia, Mariza Peirano fala a respeito:

“A primeira e mais importante qualidade de uma boa etnografia reside, então, em ultrapassar o senso comum quanto aos usos da linguagem. Se o trabalho de campo se faz pelo diálogo vivido que, depois, é revelado por meio da escrita, é necessário ultrapassar o senso comum ocidental que acredita que a linguagem é basicamente referencial. Que ela apenas “diz” e “descreve”, com base na relação entre uma palavra e uma coisa. Ao contrário, palavras fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados. E palavras não são o único meio de comunicação:

silêncios comunicam. Da mesma maneira, os outros sentidos (olfato, visão, espaço, tato) têm implicações que é necessário avaliar e analisar.”(PEIRANO; Mariza, p. 386.).

À vista disso, nas redes sociais me comunico com coletivos através de grupos e páginas no Facebook, fazendo análises das discussões das mesmas. Também realizo pesquisa bibliográfica buscando em diferentes diretórios acadêmicos obras e artigos relacionados ao vegetarianismo como um ato político e social.

Esse tema me traz proximidade pessoal, pois sou vegetariana. Assim, se configura em um desafio conseguir um afastamento necessário para o olhar antropológico. Nas palavras de DaMatta, será necessário “vestir a capa do etnólogo” e “transformar o familiar em exótico” (DA MATTA, 1978). Esta pesquisa ainda, tenta uma observação auto etnográfica, realizada em restaurantes e ambientes comemorativos, buscando analisar as reações sociais causadas em torno do indivíduo adepto à dietas alternativas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pode-se notar que a alimentação é uma necessidade diária a qual poucas pessoas refletem no dia-a-dia até conviver com alguém com a base da sua dieta diferente, assim como afirmou Levi-Strauss (1964-1971): “comida não é apenas para comer, mas também para refletir; quando há essa percepção de que a alimentação é além de uma simples necessidade cotidiana restam dúvidas, estranhezas e até mesmo confrontos”.

Quando pensamos em comemorações, como aniversários, casamentos ou até mesmo uma visita formal ou não, ligamos quase que automaticamente à comida. O “sentar à mesa” em um determinado horário com a família todos os dias, o “ir tomar um café” na casa de um ente querido, o “jantar romântico”, o “churrasco de aniversário”, a “mesa farta” de fim de ano... Não é necessário pensar muito para lembrarmos de todas as atividades sociais e culturais nas quais a comida se faz presente, seria bem mais difícil pensar o contrário, em quais momentos não há qualquer alimento envolvido. A refeição pode mostrar muito sobre determinados grupos e indivíduos, pode refletir suas classes sociais, sua cultura, suas ideologias de vida, entre outros e, tendo como diferenciais, é importante analisar o modo como se alimenta, o modo como senta perante à mesa, os objetos pertencentes, e, como o objetivo desse trabalho, o que é ingerido.

E quando é retirado um item que faz parte em, quase, todas as refeições da grande parte da população? O que acontece? Mudar esses padrões tem efeito nas relações sociais, principalmente nas relações familiares, mas também na rede de amizades, sendo por vezes, incompreensível o fato de essa pessoa mudar por completo seus hábitos que foram considerados normais e saudáveis durante anos. Através de observações etnográficas presenciais em restaurantes são visíveis os comportamentos dos indivíduos ao ver um prato sem carne, geralmente, vira motivo de questionamentos, o que acaba se tornando até um desconforto ao indivíduo vegetariano, o qual precisa explicar novamente a cada alimentação os motivos que o levaram a essa escolha.

Essa pesquisa contribui para a sociedade através da reflexão realizada de como a alimentação pode interferir diretamente nos convívios interpessoais

e vice-versa também, pois muitos pesquisados mesmo com fortes ideologias acabam se influenciando pelo meio no qual estabelece convívio, deixando de lado a dieta na qual pertencia anteriormente. Comentários retirados de grupos de Facebook corroboram com essas teorias, quando perguntado qual a maior dificuldade em ter uma alimentação alternativa, grande parte dos comentários se referem à sociabilidade, sendo alguns desses comentários:

“A minha maior dificuldade é a variedade quando você sai com amigos. Tem muita coisa fácil de fazer em casa, mas os restaurantes costumam ter só uma ou duas opções veganas e geralmente é algo que eles se nem dedicam muito a fazer, lembrando até rações.”

“Tentei ser vegetariano. Hoje só reduzi (e muito) a carne, quando saio com amigos e etc aí eu como.”,

“Sou vegetariana há 6 anos e parte da minha alimentação já é vegana. Só vejo benefícios para minha saúde e pro meio ambiente. A única dificuldade q encontrei foi comer na casa de outras pessoas e ter de lidar com aqueles que não tem conhecimento algum sobre a causa.”

Por fim, cito uma fala do médico, especialista em nutrologia, com ênfase em alimentação vegetariana, Eric Slywitch, dita em sua página do Facebook:

“Muitas pessoas que atendo enfrentam dificuldades nos relacionamentos ao retirar a carne do cardápio, e isso tende a ser ainda mais evidente quando também é retirado os ovos e laticínios. Mesmo vegetarianos que não levantam a bandeira do vegetarianismo, passam por situações desconfortáveis, como se a sua escolha pessoal instigasse o desconforto de amigos e parentes. Não é incomum ter que fazer ajustes no "contrato de casamento" ou mesmo haver o desejo de modificar os grupos de convivência. E esse é um processo natural quando qualquer mudança de valores que vivemos não traz ressonância na troca com as pessoas que convivemos. Muitas pessoas me perguntam se é normal haver esse choque de meio social ao se tornar o único vegetariano numa família ou grupo de amigos onívoros. A minha resposta é: sim! E para algumas pessoas, isso ocorre mesmo quando o vegetariano é muito habilidoso em se esquivar de conflitos. Nos aproximamos de grupos (e isso envolve todos os tipos de relacionamentos) pelos valores que temos. Ao mudarmos nosso olhar para a vida e os nossos valores, é natural procurarmos conviver com grupos que tenham os valores recíprocos ou que simplesmente não nos perturbam por termos valores diferentes.” (Slywitch; Eric, 2017)

Sendo assim, as observações confirmam a tamanha importância da comida não somente para o nosso organismo, pois, quando modificada a alimentação dita como “tradicional”, os indivíduos sentem claramente as diferenças no meio em qual vivem.

Muitas pessoas pesquisadas afirmaram que evitam ir até mesmo à churrascos devido a desconfortos, piadas e desrespeito à sua ideologia, o que causa alguns conflitos nas horas das refeições, que podem afetar o convívio social dependendo do contexto o qual essa pessoa se inclui, pois o churrasco é um ritual gastronômico muito presente na nossa cultura gaúcha (comum também em outras partes do Brasil e também Argentina e Uruguai) e isso confirma que uma dieta alternativa pode causar a exclusão dos vegetarianos em determinados eventos importantes culturais, se tornando claras as dificuldades de relacionamentos interpessoais devido a esse estilo de vida.

4. CONCLUSÃO

Este estudo dialoga com algumas áreas de estudo como a Antropologia, Sociologia e também Psicologia, tendo o intuito de contribuir com questões sobre as refeições como atos sociais.

Ademais, concluo através da interpretação das minhas experiências e também das observações etnográficas que o desconforto e estranhamento se tornam evidentes perante uma alimentação alternativa. Levando assim à mudança nas relações interpessoais, tema de tamanha relevância e principal objetivo dos estudos antropológicos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAMATTA, R. **Sobre o simbolismo da comida no Brasil**. Correio da Unesco, 1987.
- DAMATTA, Roberto. 'O ofício de Etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues"' In Nunes, E. de Oliveira (org) A aventura sociológica. RJ: Zahar. 1978. Pp.24-35.
- FREITAS, MCS., FONTES, GAV., and OLIVEIRA, N., orgs. **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura [online]**. Salvador: EDUFBA, 2008. 422 p. ISBN 978-85-232-0543-0. Available from SciELO Books.
- MACIEL, Maria Eunice; **Olhares antropológicos sobre a alimentação: Identidade cultural e alimentação**; Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.
- MEIRELLES, J.F. **Você já comeu a Amazônia hoje?** Rio de Janeiro, 2006.
- NOVELI, Marcio; **Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet?**; 2010.
- RODRIGUES, Anderson Ricardo; **A construção da identidade social por meio do consumo vegetariano: um estudo etnográfico**; Minas Gerais: UFLA, 2012.
- SANT'ANA, E.C. **O cardápio oculto: um estudo sobre a ideologia vegetariana**. 2008. 90p. Monografia (Graduação em Bacharelado de Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.
- SANTOS, F.M; GOMES, Suely. **Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura**; Educação, Processos de Aprendizagem e Cognição do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2013.
- VELHO, Gilberto; **'Observando o familiar'**; cap. 9 In Individualismo e Cultura. RJ: Jorge Zahar. 1987. Pp. 121-132.